

GLOSSÁRIO DOS
TERMOS GENÉRICOS
DOS NOMES
GEOGRÁFICOS
UTILIZADOS NO
MAPEAMENTO
SISTEMÁTICO
DO BRASIL

VOLUME 1

ESCALA 1:1 000 000
BASE CARTOGRÁFICA
CONTÍNUA DO
BRASIL AO
MILIONÉSIMO - BCIM

2ª edição

Presidente da República
Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Esteves Pedro Colnago Junior

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente
Roberto Luís Olinto Ramos

Diretor-Executivo
Fernando José de Araújo Abrantes

ÓRGÃOS ESPECÍFICOS SINGULARES

Diretoria de Pesquisas
Claudio Dutra Crespo

Diretoria de Geociências
João Bosco de Azevedo

Diretoria de Informática
José Sant'Anna Bevilaqua

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Maysa Sacramento de Magalhães

UNIDADE RESPONSÁVEL

Diretoria de Geociências
Coordenação de Cartografia
Patrícia do Amorim Vida Costa

Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Diretoria de Geociências
Coordenação de Cartografia

Glossário dos Termos Genéricos dos Nomes Geográficos Utilizados no Mapeamento Sistemático do Brasil

volume 1
Escala 1:1 000 000
Base Cartográfica Contínua
do Brasil ao Milionésimo - BCIM

2ª edição



Rio de Janeiro
2018

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

ISBN 978-85-240-4478-6 (meio impresso)

© IBGE. 2018

Produção do e-book

Roberto Cavararo

Capa

Ubiratã O. dos Santos/Alexandre Felipe Facuri C. Dias -
Coordenação de *Marketing*/Centro de Documentação e
Disseminação de Informações - CDDI

**Ficha catalográfica elaborada pela Gerência de Biblioteca e Acervos
Especiais do IBGE**

Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no
mapeamento sistemático do Brasil / IBGE, Coordenação de Cartografia. -
2. ed. - Rio de Janeiro : IBGE, 2018.
nv.

Conteúdo: v. 1. Escala 1:1 000 000 : base cartográfica contínua do Brasil
ao milionésimo – BCIM.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-240-4478-6

1. Nomes geográficos. 2. Vocabulários, glossários, etc. 3. Brasil. 4.
Geografia. 5. Toponímia. 6. Cartografia. I. IBGE. Coordenação de Cartografia.

CDU 030.8:801.311(81)
GEO

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Sumário

Apresentação

Introdução

Glossário

Lista de figuras

Fig. 1: Açude

Fig. 2: Área Militar

Fig. 3: Cachoeira

Fig. 4: Contraforte

Fig. 5: Corredeira

Fig. 6: Farol

Fig. 7: Ilha

Fig. 8: Lago

Fig. 9: Lagoa

Fig. 10: Lajeado

Fig. 11: Pedra de Itiocaia

Fig. 12: Oceano

Fig. 13: Ponta

Fig. 14: Porto de Forno

Fig. 15: Posto Indígena

Fig. 16: Represa

Fig. 17: Rio – curso médio

Fig. 18: Valão

Referências

Apêndices

1 Novos termos em relação ao volume anterior

2 Termos relativos à classificação de localidades definida pelo IBGE

Lista de siglas

BCIM - Base Cartográfica Contínua do Brasil ao Milionésimo

BC250 - Base Cartográfica Contínua do Brasil na Escala 1:250 000

Apresentação

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE tem a satisfação de apresentar à sociedade brasileira a segunda edição do primeiro volume do *Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil*, que contém os termos genéricos presentes na Base Cartográfica Contínua do Brasil ao Milionésimo - BCIM (versão 2018), totalizando 187 termos, apresentados em ordem alfabética.

Os volumes subsequentes contemplarão os termos utilizados nas demais escalas do mapeamento sistemático do País - 1:250 000, 1:100 000, 1:50 000 e 1:25 000. No ano de 2015, cabe destacar, foi publicado o segundo volume, referente aos termos genéricos presentes na Base Cartográfica Contínua do Brasil na Escala 1:250 000 – BC250.

Foram considerados, nesta publicação, os termos genéricos existentes apenas no Território Nacional. Entretanto, constatou-se importante complementá-la com um apêndice contendo termos relativos à classificação para localidades utilizada pelo IBGE, mas que não se constituem como termos genéricos.

Esta obra foi concebida especialmente para suprir as demandas sobre o significado dos termos genéricos registrados no mapeamento e suas particularidades regionais, bem como auxiliar na padronização da coleta dos nomes geográficos. Espera-se, assim, contribuir com as instituições públicas e privadas e com os cidadãos que façam uso dos nomes geográficos contidos no mapeamento sistemático do Brasil.

João Bosco de Azevedo

Diretor de Geociências

Introdução

É intenção, neste Glossário, colaborar na conceituação dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil, a partir de estudos prévios realizados por estudiosos e por pesquisadores das áreas de Geociências do IBGE, assim como definir determinadas variações regionais dos mesmos elementos geográficos, como cursos de água que possuem denominações específicas, dependendo da região brasileira de sua ocorrência.

Procurou-se, assim, neste estudo, suprir algumas lacunas na diferenciação de termos genéricos, como, por exemplo, entre: rio, riacho, córrego, arroio, água, aguinha, corguinho, ribeirão, sanga, corixo, igarapé, entre outras ocorrências.

O conhecimento do processo de nomeação dos lugares pode, por si só, sinalizar novos enfoques sobre estudos históricos e geográficos no amplo espectro de um dado contexto regional, e sobre o próprio significado da geonímia, no sentido etimológico, do contexto cultural dos lugares, inserindo os sentimentos envolvidos, no âmbito das povoações, quando nomeiam os lugares onde vivem (SANTOS, 2008).

Os nomes geográficos constituem-se em relevante marca cultural no território e expressam uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo. São ainda um poderoso elemento cultural de um povo. De acordo com Corrêa (2003), nomear e renomear rios, montanhas, cidades, bairros e logradouros tem um significado político e cultural, envolvendo etnias ou grupos culturais, hegemônicos ou não.

Aceita-se, internacionalmente, que o nome geográfico seja composto por duas partes: a primeira, referida ao termo genérico, representando a denominação do tipo de acidente geográfico (feição física)

natural ou construído pelo homem; e a segunda, fixando a denominação própria e específica, singularizando a feição geográfica nominada. De acordo com Dick (1990), essas duas partes formam um sintagma toponímico, que surge sempre que ocorre uma situação de subordinação, a partir da ocorrência de um termo determinante e outro determinado. Sendo assim, o nome geográfico constituir-se-á em um sintagma toponímico quando formado por um termo genérico (determinado) subordinado a um termo específico (determinante).

Assumir-se-ão, portanto, os seguintes conceitos para nome geográfico, termo genérico e termo específico:

- **Nome geográfico** - topônimo georreferenciado, inserido em um contexto temporal, a partir do qual podemos traçar aspectos das origens culturais e/ou históricas do elemento que ele nomeia e/ou da comunidade que o instituiu.
- **Termo genérico** - denominação genérica da feição geográfica que ocorre no contexto de um território, passível de ser referenciada geograficamente.
- **Termo específico** - denominação específica que singulariza a identidade da feição geográfica.

Exemplo: Rio São Francisco

Termo genérico: Rio; termo específico: São Francisco.

Na fase de coleta da informação no campo, denominada reambulação, o critério utilizado no mapeamento sistemático do Brasil é antropológico, ou seja, procura-se obedecer à informação prestada pelo morador do local, de acordo com as regras estabelecidas pela técnica de reambulação (MANUAL..., 2006). Desta forma, em algumas ocasiões, o critério técnico-geomorfológico de uma determinada denominação de termo genérico referente a uma feição geográfica deixa de ser priorizado, em função da informação divergente sobre o mesmo, prestada pelo entrevistado residente no local da ocorrência.

Com o objetivo de melhor esclarecer a asserção anterior, considere-se o seguinte exemplo: uma determinada ocorrência é classificada como laguna pela Geomorfologia, mas os moradores do local a denominam como lagoa; nesse caso, obedecendo ao critério antropológico adotado no mapeamento sistemático do Brasil, prevalecerá no documento cartográfico a denominação indicada por esses moradores. Da mesma forma, consideram-se, também, desde que informados pelos moradores do local, termos regionais variantes, como: lagoão, lagoinha, lagamar, laguinho, dentre outros. Sendo assim, a fim de reduzir a repetição de definições para os termos relacionados a outro similar, empregou-se a forma de remissiva.

No caso em que a variação regional de determinado termo genérico possui poucas ocorrências no território, procurou-se, na descrição desse termo, informar sua localização, a fim de facilitar a pesquisa do leitor.

As conceituações dos termos foram baseadas em literatura já existente, em documentos legais ou a partir de pesquisas efetuadas pelas equipes técnicas das Unidades Estaduais do IBGE e suas Agências de Coleta no local das respectivas ocorrências, bem como em pesquisas realizadas na Internet e em outras fontes constantes na lista de Referências, ao final da publicação.

O presente Glossário é a segunda edição da publicação referente aos termos genéricos tratados por escalas do mapeamento sistemático do Brasil e que, nesta edição, traz 47 novos termos. Todas as ocorrências assinaladas neste volume abordam apenas os nomes geográficos cuja representação é significativa na BCIM. Mais ocorrências do mesmo tipo são passíveis de serem encontradas em escalas maiores. Dessa forma, espera-se enriquecê-lo com futuros estudos e publicações de novos volumes nas outras escalas do mapeamento sistemático do Brasil.

O IBGE encontra-se disponível a críticas e sugestões que objetivem o aprimoramento deste Glossário.

Marcia de Almeida Mathias e Vania de Oliveira Nagem

Organizadoras

Glossário

A

açude Equivalente a barragem em curso de água, com a finalidade de irrigação de terras e abastecimento de água para a população. Na Região Nordeste, os açudes são significativos para representação na escala 1:1 000 000.

Fig. 1: Açude



Manual de reambulação (2006)

aeroclube Toda sociedade civil com patrimônio e administração próprios, com serviços local e regional, cujos objetivos principais são o ensino e a prática da aviação civil, de turismo e desportiva em todas as suas modalidades.

aeródromo Toda área destinada a pouso, decolagem e movimentação de aeronaves. Os aeródromos são classificados em civis (uso de aeronaves civis) e militares (uso de aeronaves militares).

aeroporto Aeródromo público, dotado de instalações e facilidades para apoio de operações de aeronaves e de embarque e desembarque de pessoas e cargas, classificado por ato administrativo que fixará as características de cada classe.

agropecuária Propriedade rural pertencente a empresas, caracterizada pela grande extensão de terras, com presença significativa de atividades econômicas relacionadas com o agronegócio.

água Termo regional. Curso de água de pequeno ou médio porte.

aguinha Ver água

aldeia indígena Reunião de quatro ou mais edificações indígenas, chamadas ocas, nas quais vivem várias famílias (ascendentes e descendentes); habitada por 300 a 400 nativos. Construída sempre próxima de rios e da mata, com uma área no centro.

área de proteção ambiental Área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e que tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. É constituída por terras públicas ou privadas. Quando criada por Unidade da Federação ou Município, será denominada, respectivamente, área de proteção ambiental estadual e área de proteção ambiental municipal.

área de proteção ambiental estadual Ver em área de proteção ambiental

área de proteção ambiental municipal Ver em área de proteção ambiental

área de relevante interesse ecológico Área em geral de pequena extensão, com pouca ou nenhuma ocupação humana, com características naturais extraordinárias ou que abriga exemplares raros da biota regional, e que tem como objetivos manter os ecossistemas naturais de importância regional ou local e regular o uso admissível dessas áreas, de modo a compatibilizá-lo com os objetivos de conservação da natureza. É constituída por terras públicas ou privadas.

área militar Área reservada com exclusividade para as atividades militares.

Fig. 2: Área Militar



Leila Oliveira – IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia

arquipélago Conjunto ou aglomerado de ilhas, com relativa proximidade entre as mesmas.

arroio Termo regional referente a cursos de água de pequena extensão, com ocorrências nos estados da Região Sul.

atol Ilha constituída por recifes de corais, de forma aproximadamente circular, com uma lagoa no interior.

B

baía Massa de água do mar que penetra em uma reentrância da costa, geralmente com estreitamento em sua entrada.

baixa Depressões do terreno ou fundo de vales, com regime hidrológico intermitente, com pouca declividade. A baixa alaga na época das chuvas e normalmente se liga com a rede hidrográfica local.

baixão O mesmo que baixa ou baixo, dependendo da região de sua ocorrência.

baixo Banco de areia sobre o qual tem pouca altura a água do mar ou do rio; espécie de enseada que os rios formam nos terrenos marginais, e onde, por ocasião das vazantes, a água se empoça. Termo utilizado também para denominação de curso de água.

balsa Termo regional utilizado para informar o trecho da travessia realizada pela embarcação. Exemplo: Balsa do Rio São Francisco - São Romão.

banhado Termo derivado do espanhol *bañado* e usado, principalmente, na Região Sul para as extensões de terras baixas inundadas pelos rios. Constitui terra boa para culturas, ao contrário do pântano. O banhado é um terreno encharcado de água parada que pode, periodicamente, apresentar-se enxuto.

barra Banco de areia, cascalho, ou outro material, à boca de um rio ou porto, geralmente obstáculo para a navegação; entrada de um porto, foz de um rio. Termo utilizado também para denominação de curso de água.

barragem Obra de construção civil que serve de obstáculo ao livre fluxo de curso de água ou massa de água, possibilitando, ainda, o controle do represamento ou liberação do referido fluxo da massa líquida retida.

boca Barra (de rio) ou baía. Termo utilizado também para denominação de curso de água.

boqueirão Termo regional utilizado na Região Nordeste para as aberturas ou gargantas estreitas, cortadas, por vezes, em serras, por onde passa um rio. Termo utilizado também para denominação de curso de água.

braço Trecho de rio ou de mar que adentra na terra.

brejo Terreno normalmente planificado, pantanoso, encharcado de água doce ou salgada. Termo utilizado também para denominação de curso de água.

C

cabeceira Ponto onde surge o olho-d'água, que dá origem a um curso fluvial.

cabo Na topografia costeira, assim se denomina a parte saliente da costa de regular altitude que avança em direção ao mar. O cabo é menos extenso que a península e maior que uma ponta.

cachoeira Queda-d'água no curso de um rio, ocasionada pela existência de um degrau no perfil longitudinal do mesmo.

Fig. 3: Cachoeira



canal Local por onde escoam as águas fluviais ou marítimas. O canal apresenta-se em diferentes formas na superfície terrestre, podendo ser natural ou construído pelo homem.

canaleta Termo regional utilizado no Sul do Brasil como diminutivo de canal, sem alteração conceitual significativa.

chapada Denominação usada no Brasil para as grandes superfícies, por vezes horizontais, a mais de 600 m de altitude, que aparecem na Região Centro-Oeste. Também no Nordeste Oriental existem várias chapadas residuais.

chapadão Chapada extensa; sucessão de chapadas.

colônia Lugar em que um grupo de pessoas vive em comunidade ou reparte determinadas afinidades.

colônia agrícola Tipo de colônia voltada para atividades agrícolas.

colônia agrícola indígena Área destinada à exploração agropecuária, administrada pelo órgão de assistência ao índio, onde convivam tribos aculturadas e membros da comunidade nacional.

companhia ferroviária Sociedade formada por sócios ou acionistas que exploram negócios do ramo de serviços dos transportes ferroviários.

contraforte Cadeia de montanhas que se destaca, mais ou menos perpendicularmente, de um maciço principal, entestando com ele.

Fig. 4: Contraforte



Márcia Melo – IBGE, Unidade Estadual de Santa Catarina (SC)

corquinho Córrego pequeno.

corixão Corixo grande.

corixo Termo regional do Pantanal de Mato Grosso para pequenos riachos permanentes que ligam as baías.

coroa Termo regional usado para os bancos ou baixios de aluviões (sedimento de rochas) que aparecem no leito dos rios, ou ainda na zona costeira, por ocasião da baixa maré ou da vazante dos rios. Croa, croinha.

corredeira 1. Trecho inclinado de um curso de água onde a corrente avança com rapidez e que, muitas vezes, corresponde à última etapa de uma queda-d'água.

2. O mesmo que salto no leito de um rio. Travessão.

Fig. 5: Corredeira



Leila Oliveira – IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia

córrego Curso de água corrente de pequeno porte. Ocorre em todas as regiões fisiográficas brasileiras, na maioria das Unidades da Federação.

coxilha Elevações arredondadas e de pequena altitude, típicas da Planície Sul-rio-grandense.

D

desaguadouro Canal, vala para escoamento de água. Rego, sarjeta.

E

eclusa Doca seca em curso de água para correção de desníveis, possibilitando a navegação.

enseada Reentrância da costa bem aberta em direção ao mar, porém com pequena penetração deste, ou, em outras palavras, uma baía na qual aparecem dois promontórios (elevações) distanciados um do outro. Termo utilizado também para denominação de massa de água.

esgotinho Esgoto pequeno.

esgoto Termo regional característico da rede fluvial no entorno da Ilha do Bananal, no Estado do Tocantins. De acordo com informantes do local, após o período de chuvas (maio a setembro), as águas acumuladas esgotam (escoam) para os Rios Araguaia e Javaé, formadores da Ilha do Bananal.

estação ecológica Área destinada à preservação da natureza e à realização de pesquisas científicas. É de posse e domínio públicos. Quando criada por Unidade da Federação ou Município, será denominada, respectivamente, estação ecológica estadual e estação ecológica municipal.

estação ecológica estadual Ver em estação ecológica

estação ecológica municipal Ver em estação ecológica

estirão Trecho retilíneo e largo de rio, entre duas voltas.

estrada de ferro Estrada construída com trilhos, destinada ao transporte por trens.

estreito Passagem relativamente mais apertada de um curso de água.

estuário Forma de desagudouro de um rio no oceano. Em oposição ao delta, que aparece, geralmente, constituído por vários braços, o estuário forma uma boca única e é, via de regra, batido por correntes marinhas e correntes de marés que impedem a acumulação de detritos, como ocorre nos deltas.

F

farol Torre elevada, de forma e cores distintas, para orientação de embarcações, montada em um ponto de coordenadas geográficas conhecidas na costa ou em ilhas oceânicas, bancos, rochedos, recifes ou margens de rios, dotada de equipamento luminoso exibindo luz com característica pré-determinada e com alcance luminoso superior a 10 milhas náuticas.

Fig. 6: Farol



Márcia Melo – IBGE, Unidade Estadual de Santa Catarina (SC)

fazenda Propriedade rural de dimensões consideráveis, de lavoura ou de criação de gado.

ferrovia *Ver em* estrada de ferro

floresta estadual *Ver em* floresta nacional

floresta nacional Área com cobertura florestal de espécies predominantemente nativas e que tem como objetivos básicos o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em métodos para exploração sustentável de florestas nativas. É de posse e domínio públicos. Quando criada por Unidade da Federação ou Município, será denominada, respectivamente, floresta estadual e floresta municipal.

furinho ou furado Furo pequeno.

furo Termo regional característico da rede fluvial da Região Amazônica. Braço fluvial que interliga cursos de água.

G

garimpo Lugar onde se exploram minerais preciosos, como diamante e ouro.

grota Depressão úmida nas encostas.

grotão Depressão profunda, com forte declive entre montanhas. Termo utilizado também para denominação de curso de água.

H

hidrovia Via de navegação interior em cursos de água e lagos, com infraestrutura que permita a navegação.

I

igarapé Termo regional característico da rede fluvial da Região Amazônica. De *ygara* (canoa) - *apé* (caminho), o caminho das canoas.

ilha Terra emersa, menos extensa que os continentes, cercada por uma massa de água doce ou salgada.

Fig. 7: Ilha



Márcia Melo – IBGE, Unidade Estadual de Santa Catarina (SC)

ilhas Termo utilizado como plural de ilha quando a feição nominada se estende por mais de uma ilha.

ilhota Ilha pequena constituída de rochedos. Ilhote, utilizado no Estado de Santa Catarina.

impuca Termo regional utilizado para denominação de curso de água. Ipuca.

ipixuna Termo regional com o mesmo significado de rio, utilizado para se referir a rio de águas escuras.

ipueira 1. Charco (lagoeiro) que se forma em lugares baixos, devido às enchentes dos rios.

2. Manancial extinto, rio seco.

Ipuera Ver ipueira

L

lagamar Termo regional do Estado do Ceará. Espécie de enseada formada na região litorânea e onde, por ocasião das vazantes de marés, a água do mar se empoça.

lago Depressão do solo produzida por causas diversas e cheias de águas confinadas, mais ou menos tranquilas, pois dependem da área ocupada pelas mesmas. As formas, as profundidades e as extensões dos lagos são muito variáveis. Geralmente, os lagos são alimentados por um ou mais rios afluentes. Possuem também rios emissários, o que evita o seu transbordamento.

Fig. 8: Lago



Manual de reambulação (2006)

lagoa Depressão de formas variadas, principalmente tendendo a circulares, de profundidades pequenas e cheia de água doce ou salgada. A lagoa pode ser definida como lago de pequena extensão e profundidade, sendo permanente ou temporária.

Fig. 9: Lagoa



Manual de reambulação (2006)

laguna Extensão de água salgada ou salobra, permanente e com conexão com o mar.

lajeado Arroio ou regato, cujo leito é de rocha. Afloramento de rocha sã na superfície do solo, constituindo uma área de extensão variável.

Fig. 10: Lajeado



Paulo Leal – IBGE, Unidade Estadual de Santa Catarina (SC)

M

mar Área de água salgada margeando a costa, com superfície mais ou menos fechada como parte do oceano.

marimbu Vereda resultante da interligação de lagoas. Nele, o escoamento de água superficial é mais lento e sua margem é utilizada para atividade agrícola.

mineração Denominação de empresa industrial que processa a extração primária de minérios do subsolo terrestre ou de elementos da hidrografia com o objetivo de produzir manufaturas.

monte Elevação que surge na paisagem como forma isolada.

monumento natural Área destinada à preservação de sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica. Pode ser constituído por áreas particulares. Quando criada por Unidade da Federação ou Município, será denominada, respectivamente, monumento natural estadual e monumento natural municipal.

Fig. 11: Pedra de Itaocaia



Márcia Mathias – IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia

monumento natural estadual *Ver em* monumento natural

monumento natural municipal *Ver em* monumento natural

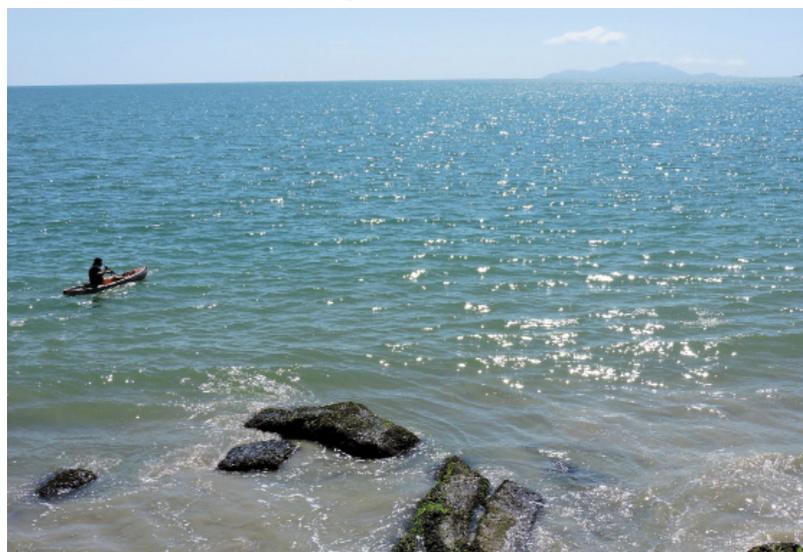
morraria Ocorrência de morros em série num determinado lugar. Termo regional utilizado no Estado de Mato Grosso do Sul. Não existe uma clara diferenciação das serras locais. Ao norte do Município de Corumbá, por exemplo, a Serra do Amolar, com cerca de 60 a 160 km de extensão, compreende a Serra do Amolar propriamente dita e as morrarias de Ínsua, Novos Dourados, Santa Teresa, Castelo e outras de menor tamanho. A elevação dessas montanhas varia de 300 a 900 m, sendo o ponto mais alto Morro Grande (1 065 m).

morro Monte pouco elevado, cuja altitude é aproximadamente de 100 a 200 m.

O

oceano Grande extensão de água salgada que cerca a Terra; mar; cada uma das grandes divisões da parte líquida do globo.

Fig. 12: Oceano



Márcia Melo – IBGE, Unidade Estadual de Santa Catarina (SC)

olho-d'água Nascente que rebenta do solo e, geralmente, dá origem a um curso de água.

P

parada Local de embarque e desembarque de passageiros em meio de transporte ferroviário ou rodoviário.

paraná Terminologia amazônica de origem indígena e que significa o braço de um grande rio, formando uma grande ilha. Quando de menores proporções, é chamado paraná-mirim. Os primeiros são sempre navegáveis, enquanto os paranás-mirins nem sempre permitem, por ocasião das vazantes, a livre circulação das embarcações. Rio caudaloso.

parcel Baixio, recolho. *Ver também* recife.

parque eólico Conjunto de aerogeradores interligados eletricamente, situados nas áreas circulares com raio de até 10 km em torno das torres de medição anemométrica, no caso de terrenos de superfície plana com rugosidade homogênea; e com raio de até 6 km, no caso de terrenos complexos.

parque estadual *Ver em* parque nacional

parque estadual marinho *Ver em* parque nacional

parque nacional Área destinada à preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. É de posse e domínio públicos. Quando criada por Unidade da Federação ou Município, será denominada, respectivamente, parque estadual e parque natural municipal. O recorte espacial pode ser terrestre ou marinho.

parque nacional marinho *Ver em* parque nacional

parque natural municipal *Ver em* parque nacional

pedra Denominação genérica usada para qualquer pedaço de rocha.

pico Ponto culminante de uma elevação do terreno; geralmente possui forma pontiaguda.

ponta Extremidade saliente da costa, de fraca elevação, que avança de forma aguçada em direção ao oceano, sem ter, porém, grande altura.

Fig. 13: Ponta



Márcia Melo – IBGE, Unidade Estadual de Santa Catarina (SC)

pontal Língua de areia e seixos, de baixa altura, disposta de modo paralelo, oblíquo, ou mesmo perpendicular à costa e que se prolonga, algumas vezes, sob as águas, em forma de banco. Termo utilizado também para denominação de curso de água.

ponte Construção elevada sobre uma massa de água, destinada à passagem de veículos em geral (ponte rodoviária ou ferroviária) ou de pedestres.

ponte internacional O mesmo que ponte, com a singularidade de ligar dois países. No Brasil, ocorre na ligação com a Argentina.

porto Lugar de abrigo e ancoradouro de navios, na costa ou junto à foz de um rio, provido de infraestrutura própria (cais, píer, armazéns, docas etc.), destinado à atracação de navios e embarcações, movimentação de passageiros e/ou cargas, e que provê proteção para navegação e atracação de navios e embarcações.

Fig. 14: Porto de Forno



Manual de reambulação (2006)

posto fiscal Lugar controlado por agentes públicos, para disponibilizar serviços de fiscalização da passagem de pessoas ou mercadorias.

posto indígena Local administrado por agente público da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, com o objetivo de fiscalizar e fornecer suporte na prestação de serviços de saúde e comunicação para as áreas indígenas locais.

Fig. 15: Posto Indígena



Leila Oliveira -IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Cartografia

praia 1. Depósito de areias acumuladas pelos agentes de transportes fluviais ou marinhos. As praias representam cintas anfíbias de grão de quartzo, apresentando uma largura maior ou menor, em função da maré. Algumas vezes, podem ser totalmente encobertas por ocasião das marés de sizígia. Quanto ao material que compõe as praias, há um domínio quase absoluto dos grãos de quartzo, isto é, as areias.

2. Área coberta ou descoberta, periodicamente, pelas águas, acrescida da faixa subsequente de material detrítico, como areias, cascalhos, seixos e pedregulhos, até o limite onde se inicie a vegetação natural, ou, em sua ausência, onde comece um outro ecossistema.

R

rancho Fazenda na qual ocorre atividade econômica que a caracteriza como empresa agrícola.

recife Formações rochosas, geralmente litorâneas, que aparecem próximas à costa. Parcel, baixio.

refúgio de vida silvestre Área destinada à proteção de ambientes naturais onde se asseguram condições para a existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna residente ou migratória. Pode ser constituído por áreas particulares. Quando criado por Unidade da Federação ou Município, será denominada, respectivamente, refúgio de vida silvestre estadual e refúgio de vida silvestre municipal.

refúgio de vida silvestre estadual *Ver em refúgio de vida silvestre*

refúgio de vida silvestre municipal *Ver em refúgio de vida silvestre*

represa Construção civil que objetiva o represamento de um curso de água a fim de atender diferentes finalidades, dentre elas, geração de energia e atendimento a atividades agrícolas. Termo utilizado também para a denominação de massa de água e de barragem.

Fig. 16: Represa



Márcia Melo – IBGE, Unidade Estadual de Santa Catarina (SC)

reserva biológica Área destinada à preservação integral da biota e demais atributos naturais existentes em seus limites, sem interferência humana direta ou modificações ambientais, excetuando-se as medidas de recuperação de seus ecossistemas alterados e as ações de manejo necessárias para recuperar e preservar o equilíbrio natural, a diversidade biológica e os processos ecológicos naturais. É de posse e domínio públicos. Quando criado por Unidade da Federação ou Município, será denominada, respectivamente, reserva biológica estadual e reserva biológica municipal. O recorte espacial pode ser terrestre ou marinho.

reserva biológica e arqueológica *Ver em reserva biológica*

reserva biológica estadual *Ver em reserva biológica*

reserva biológica marinha *Ver em reserva biológica*

reserva biológica municipal *Ver em reserva biológica*

reserva de desenvolvimento sustentável Área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais, e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na

manutenção da diversidade biológica. É de domínio público. Quando criado por Unidade da Federação ou Município, será denominada, respectivamente, reserva de desenvolvimento sustentável estadual e reserva de desenvolvimento sustentável municipal.

reserva de desenvolvimento sustentável estadual *Ver em* reserva de desenvolvimento sustentável

reserva de desenvolvimento sustentável municipal *Ver em* reserva de desenvolvimento sustentável

reserva extrativista Área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte. Tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade. É de domínio público, com seu uso concedido às populações extrativistas tradicionais. O recorte espacial pode ser terrestre ou marinho.

reserva extrativista marinha *Ver em* reserva extrativista

reserva particular do patrimônio natural Área privada, gravada com perpetuidade, com o objetivo de conservar a diversidade biológica.

ressaca Braços longos de rios que saem em direção aos lagos, servindo de abrigo para as embarcações se protegerem dos grandes temporais. Refere-se também à região alagada ou sujeita a inundação (Amazonas e Pará), e ao local do rio onde a maré bate com força (Pará).

restinga Feição linear subparalela à linha de praia, formada pelo acúmulo de sedimentos decorrente da ação de processos marinhos. É um tipo de barreira costeira que se restringe apenas ao cordão litorâneo que fecha parcialmente as embocaduras de rios, as angras, baías ou pequenas lagunas. Ocorre nas planícies litorâneas de contorno irregular, nas proximidades de desembocaduras de rios e falésias que possam fornecer sedimentos arenosos. Termo utilizado também para denominação de curso de água.

riachão Riacho grande. Termo regional utilizado na Região Nordeste.

riachinho Riacho pequeno. Termo regional utilizado nas Regiões Nordeste e Sudeste.

riacho Termo regional de ocorrência na Região Nordeste e que se traduz num curso de água ou corrente de água que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutro curso de água.

ribeira Curso de água, navegável ou não, entre margens próximas, maior que os regatos e riachos e menor que os rios.

ribeirão Termo regional de ocorrência nos Estados do Rio de Janeiro (normalmente próximo à fronteira com Minas Gerais), São Paulo (interior), Goiás e Mato Grosso, e que se traduz num curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutro curso de água.

ribeirãozinho Ribeirão pequeno. Termo regional utilizado na Região Centro-Oeste.

rio Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale. Um curso de água pode, em toda sua extensão, ser dividido em três partes: curso superior; curso médio; curso inferior.

Fig. 17: Rio – curso médio



Manual de reambulação (2006)

riozinho Rio de pequeno porte. Termo regional.

S

saco Termo descritivo usado para designar certo tipo de reentrância do litoral, caracterizado pela estreiteza da boca e largura da parte interior. Termo utilizado também para denominação de massa de água.

salto Denominação genérica dada a todos os tipos de desnivelamentos ou degraus encontrados no perfil longitudinal de um rio. *Ver também* cachoeira e corredeira.

sanga Pequeno ribeiro que seca facilmente. Pequeno curso de água; em geral, um escoadouro de água usado no Estado do Rio Grande do Sul.

sangradouro Sulco ou lugar por onde se desvia o excesso de água de um açude; canal natural que liga duas lagoas, um rio e uma lagoa ou dois rios. Sangrador.

serra Termo utilizado na descrição da paisagem física de terrenos acidentados com fortes desníveis. No Brasil, as serras designam, às vezes, acidentes variados, como escarpas de planaltos, com altura de 50 a 100 m.

serrote Pequena serra ou pequeno morro.

sítio Propriedade rural equivalente a fazenda, com dimensões de valor de área menor, quando comparado ao valor de área da fazenda.

T

terminal portuário Ponto onde terminam ou para onde convergem os ramais ou linhas de uma rede hidrográfica marinha ou fluvial, com infraestrutura que possibilite o embarque e o desembarque de passageiros e/ou cargas.

terra indígena Porção do território nacional, de propriedade da União, habitada por um ou mais povos indígenas, por ele(s) utilizada para suas atividades produtivas, imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e necessária à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. Trata-se de um tipo específico de posse, de natureza originária e coletiva, que não se confunde com o conceito civilista de propriedade privada.

travessia Trajeto existente para deslocamento de um lado a outro de uma região, um continente, um rio, um mar.

U

usina Estabelecimento industrial equipado com máquinas, onde se processa a transformação de matéria-prima em produtos finais ou semiacabados .

usina energética Conjunto de instalações destinadas à geração e ao aproveitamento de energia.

usina eólica Instalação de produção de energia elétrica a partir da energia cinética do vento.

usina nuclear Usina elétrica acionada pela energia térmica liberada em reações nucleares.

usina termelétrica ou termoelétrica Usina elétrica acionada por energia térmica, obtida pela combustão de um combustível fóssil ou biomassa.

V

vala Canaleta artificial ou natural usada para a drenagem de áreas pantanosas ou para irrigação.

valão Termo regional com ocorrências na Região Norte Fluminense e em alguns municípios capixabas da vizinhança. Em largura, os valões são maiores que os córregos da região e, em alguns casos, devido ao desmatamento, não existe fluxo de água corrente, gerando uma depressão seca no terreno.

Fig. 18: Valão



Domingos Andreoni – IBGE, Agência de Itaperuna (RJ)

vão Vale profundo, ou depressão, por onde correm os rios.

vargem Trecho de um vale onde o terreno se alarga e é plano. Várzea.

varjão Vargem grande.

várzea *Ver* vargem

vazante Termo regional com ocorrências na região do Pantanal Mato-grossense. Denominação dada aos pequenos riachos temporários que ligam as baías, pois os riachos permanentes são chamados de corixos.

vereda Vegetação caracterizada pela presença do buriti, palmeira que ocorre em meio a agrupamentos de espécies arbustivo-herbáceas, característica do cerrado. A vereda é encontrada sobre solo hidromórfico (saturado por água) e circundada por campo limpo, geralmente úmido. Ocorre nas regiões onde o cerrado prevalece: Estado de Minas Gerais; Região Centro-Oeste; Região Nordeste em áreas de transição agreste-caatinga; e oeste e sul do Estado da Bahia. Termo utilizado também para denominação de curso de água.

veredão Termo regional utilizado como aumentativo de vereda.

veredinha Termo regional utilizado como diminutivo de vazante.

vertente Declive lateral de uma elevação, pelo qual correm as águas. Encosta.

via navegável Trecho hidrográfico em que a navegação é viável, permitida.

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA (Brasil). *Glossário*. Brasília, DF: Aneel, [20--]. Disponível em: <<http://www.aneel.gov.br/glossario>>. Acesso em: out. 2018.

BARBOSA, R. P. *Termos geográficos*. Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL. Lei n. 4.771, de 15 de setembro de 1965. Institui o novo Código Florestal. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 16 set. 1965. Seção 1, p. 9529. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4771.htm>. Acesso em: out. 2018.

_____. Lei n. 7.565, de 19 de dezembro de 1986. Dispõe sobre o Código Brasileiro de Aeronáutica. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 1986. Seção 1, p. 19567. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7565.htm>. Acesso em: out. 2018.

_____. Marinha. Diretoria de Hidrografia e Navegação. *Normas da autoridade marítima para auxílios à navegação - NORMAM-17/DHN*. 3. ed. Rio de Janeiro, 2008. 93 p.

_____. Ministério do Meio Ambiente. *Áreas protegidas*. Brasília, DF, [2018]. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas>>. Acesso em: out. 2018.

_____. *Cadastro nacional de unidades de conservação - CNUC*. Brasília, DF, [2018]. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/cadastro-nacional-de-ucs>>. Acesso em: out. 2018.

_____. *Consultas por UC's*. Brasília, DF, [2018]. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/cadastro-nacional-de-ucs/consulta-por-uc.html>>. Acesso em: out. 2018.

_____. *Glossário*. Brasília, DF, [2018]. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/cadastro-nacional-de-ucs/glossario>> Acesso em: out. 2018.

_____. *Sistema nacional de unidades de conservação - SNUC*. Brasília, DF, [2018]. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/sistema-nacional-de-ucs-snuc.html>>. Acesso em: out. 2018.

BUENO, F. da S. *Vocabulário tupi-guarani, português*. 5. ed. rev. e aum. São Paulo: Brasilivros, 1987. 629 p.

CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990. 387 p. Originalmente apresentada como tese de Doutorado na Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 1980.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1517 p.

GUERRA, A.T. *Dicionário geológico-geomorfológico*. 7. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. 446 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=281227&view=detalhes>>. Acesso em: out. 2018.

GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. *Novo dicionário geológico-geomorfológico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 648 p.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Antônio Houaiss, 2006. 1 CD-ROM.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 953 p.

IBGE. Resolução do Presidente n. 007, de 4 de janeiro de 1989. Dispõe sobre a classificação de tipos de localidades. *Boletim de Serviço*, Rio de Janeiro, n. 1757, p. 4, 31 jan. 1989.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. *Dados gerais das unidades de conservação federais*. Brasília, DF: ICMBio, 2018. 19 p. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/servicos/geoprocessamento/DCOL/dados_tabulares/DadosGerais_UC_junho_2018.pdf>. Acesso em: out. 2018.

KOOGAN, A.; HOUAISS, A. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. Rio de Janeiro: Delta, 1995.

MANUAL de reambulação. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. 1 CD-ROM.

MANUAL técnico de geomorfologia. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. 182 p. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=281612>>. Acesso em: out. 2018.

MODELO de dados e metadados e programa de atualização permanente. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 1 CD-ROM. BCIM, documentação técnica.

OLIVEIRA, C. de. *Dicionário cartográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 1980. 447 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=281223&view=detalhes>>. Acesso em: out. 2018.

PROJETO RADAMBRASIL. Rio de Janeiro: IBGE, [2010]. Disponível em: <<http://www.projeto.radam.nom.br/index.html>>. Acesso em: jun. 2010.

SANTOS, C. J. B. dos. *Geonímia do Brasil: a padronização dos nomes geográficos num estudo de caso dos municípios fluminenses*. 2008. 340 p. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.ngb.ibge.gov.br/App_doc/Geon%C3%ADmia%20Do%20Brasil,%20A%20Padroniza%C3%A7%C3%A3o%20Dos%20Nomes%20Geogr%C3%A1ficos%20Num%20Estudo%20De%20Caso%20Dos%20Munic%C3%ADpios%20Fluminenses.pdf>. Acesso em: out. 2018.

Apêndices

1 Novos termos em relação ao volume anterior

balsa

cerro

contraforte

coroa

corredeira

coxilha

desaguadouro

eclusa

enseada

estação ecológica estadual

estação ecológica municipal

hidrovia

impuca

laguna

monumento natural

monumento natural estadual

monumento natural municipal

olho-d'água

parcel

parque estadual marinho
parque nacional marinho
parque natural municipal
posto indígena
refúgio de vida silvestre
refúgio de vida silvestre estadual
refúgio de vida silvestre municipal
reserva biológica e arqueológica
reserva biológica estadual
reserva biológica marinha
reserva biológica municipal
reserva de desenvolvimento sustentável
reserva de desenvolvimento sustentável estadual
reserva de desenvolvimento sustentável municipal
reserva extrativista marinha
reserva indígena
reserva particular do patrimônio natural
ribeira
ressaca
sítio
terminal portuário
terras indígenas
travessia
usina eólica
usina termelétrica
vala
vão
vertente
via navegável

2 Termos relativos à classificação de localidades definida pelo IBGE

aglomerado rural Localidade situada em área não definida legalmente como urbana e caracterizada por um conjunto de edificações permanentes e adjacentes, formando área continuamente construída, com arruamentos reconhecíveis ou dispostos ao longo de uma via de comunicação. Os aglomerados rurais classificam-se em: aglomerados rurais de extensão urbana e aglomerados rurais isolados.

aglomerado rural de extensão urbana Localidade que tem as características definidoras de aglomerado rural e está localizada a menos de 1 km de distância da área urbana de uma cidade ou vila ou de um aglomerado rural já definido como de extensão urbana, possuindo contiguidade em relação a uma das localidades anteriormente citadas. Constitui simples extensão da área urbana legalmente definida, com loteamentos já habitados, conjuntos habitacionais, aglomerados de moradias ditas subnormais (favelas) ou núcleos desenvolvidos em torno de estabelecimentos industriais, comerciais ou de serviços.

aglomerado rural isolado Localidade que tem as características de aglomerado rural e está localizada a uma distância igual ou superior a 1 km da área urbana de uma cidade ou vila ou de um aglomerado rural já definido como de extensão urbana. Os aglomerados rurais isolados classificam-se em: povoados, núcleos e lugarejos.

capital Localidade onde se situa a sede do governo de Unidade da Federação, excluído o Distrito Federal.

capital federal Localidade onde se situa a sede do governo federal com os seus poderes executivo, legislativo e judiciário.

cidade Localidade com o mesmo nome do município a que pertence (sede municipal) e onde está sediada a respectiva prefeitura, excluídos os municípios das capitais.

lugarejo Localidade sem caráter privado ou empresarial, que possui as características definidoras de aglomerado rural isolado e não dispõe, no todo ou em parte, dos serviços ou equipamentos enunciados para o povoado.

nome local Lugar que não se enquadre nas demais classificações de localidade e que seja reconhecido nominalmente pela população local, possuindo ou não habitações humanas, e sem um perímetro que o defina geometricamente.

núcleo Localidade que tem as características definidoras de aglomerado rural isolado e possui caráter privado ou empresarial, estando vinculado a um único proprietário do solo (empresas agrícolas, indústrias, usinas etc.).

povoado Localidade que tem as características definidoras de aglomerado rural isolado e possui, pelo menos, um estabelecimento comercial de bens de consumo frequente e dois dos seguintes serviços ou equipamento: um estabelecimento de ensino fundamental do 1º ao 9º ano em funcionamento regular; um posto de saúde, com atendimento regular; e um templo religioso de qualquer credo para atender aos moradores de aglomerados e/ou áreas rurais próximas. Corresponde a um aglomerado sem caráter privado ou empresarial, ou que não está vinculado a um único proprietário do solo, e cujos moradores exercem atividades econômicas primárias, terciárias, ou secundárias, na própria localidade ou fora dela.

vila Localidade com o mesmo nome do distrito a que pertence (sede distrital) e onde está sediada a autoridade distrital, excluídos os distritos das sedes municipais.

serviço de esgotamento sanitário Conjunto de atividades, infraestruturas e instalações operacionais de coleta, transporte, tratamento e disposição final adequados dos esgotos sanitários, desde as ligações prediais até o seu lançamento final no meio ambiente.

serviço de limpeza pública e manejo de resíduos sólidos Conjunto de atividades, infraestruturas e instalações operacionais de coleta, transporte, transbordo, tratamento e destino final do lixo doméstico e do lixo originário da varrição e limpeza de logradouros e vias públicas.

Equipe técnica

Diretoria de Geociências

Coordenação de Cartografia

Patrícia Vida Costa do Amorim

Organização e elaboração

Márcia de Almeida Mathias

Vania de Oliveira Nagem

Revisão final do texto

Ana Cristina da Rocha Berenger

Equipe técnica

Ana Cristina da Rocha Berenger

Beatriz Cristina Pereira de Souza Pinto

Camila Cagnin Maia

Cláudio João Barreto dos Santos

Graciosa Rainha Moreira

Irislaine da Silva Nascimento

Márcia de Almeida Mathias

Sheila de Azevedo Andriotti

Rosângela Sheyla Pedrosa Magalhães

Vanderson Leite

Vania de Oliveira Nagem

Elaboração de ilustrações

Beatriz Cristina Pereira de Souza Pinto

Cláudio João Barreto dos Santos

Fernanda de Oliveira Barbosa (in memoriam)

Márcia de Almeida Mathias

Márcia de Melo Faria

Colaboradores

Anderson da Silva Nobre
Anna Lúcia Barreto de Freitas
Antônio Carlos Rodrigues
Clayton Evangelista da Rocha
Domingos Fernando Andreoni
Donizete Marques Galvão
Dejair Sumas da Conceição
Elzio Cagnim Maia
Edson Carlos Furtado Magno - Comando da Marinha/ Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN) / Centro de Hidrografia e Navegação (CHM)
Hamilton Sérgio Fernandes de Souza
Hildeberto Biserra Lins
João Bosco de Azevedo
Jorge Bastos Furman - Comando da Aeronáutica / Comissão de Implantação do Sistema de Controle do Espaço Aéreo da Aeronáutica do Brasil (CISCEA)
José Carlos Correa
Jose Dácio Lima Nogueira
Leila Freitas de Oliveira
Luiz Antônio Xavier
Márcia de Melo Faria
Moema José de Carvalho Augusto
Nilton de Souza Ribas Junior
Patrícia do Amorim Vida Costa
Paulo Roberto Guimarães Leal
Paulo da Silva Santos
Renata Curi de Moura Estevão Nagatomi

Agradecimento

Jander Vinícius Pereira

Projeto Editorial

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

Coordenação de Produção

Marise Maria Ferreira

Gerência de Editoração

Estruturação textual

Fernanda Jardim
Katia Vaz Cavalcanti
Leonardo Martins

Diagramação textual

Katia Vaz Cavalcanti

Programação visual da publicação

Luiz Carlos Chagas Teixeira

Produção do e-book

Roberto Cavararo

Gerência de Documentação

Pesquisa e normalização documental

Ana Raquel Gomes da Silva
Juliana Chagas Moreira
Juliana da Silva Gomes
Kleiton Moura Silva (Estagiário)
Lioara Mandoju
Nádia Bernuci dos Santos
Solange de Oliveira Santos
Valéria Maria Melo (Estagiária)

Normalização textual e padronização de glossários

Ana Raquel Gomes da Silva

Elaboração de quartas capas

Ana Raquel Gomes da Silva

Gerência de Gráfica

Ednalva Maia do Monte

Impressão e acabamento

Newton Malta de Souza Marques
Helvio Rodrigues Soares Filho

NOMES GEOGRÁFICOS: Uma janela para a história, uma porta para a cultura e um universo de descobertas.

Marcia Mathias

Se o assunto é **Brasil**,
procure o **IBGE**.



/ibgecomunica



/ibgeoficial



/ibgeoficial



/ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800-721-8181

GLOSSÁRIO DOS TERMOS GENÉRICOS DOS NOMES GEOGRÁFICOS UTILIZADOS NO MAPEAMENTO SISTEMÁTICO DO BRASIL

VOLUME 1

ESCALA 1:1 000 000

BASE CARTOGRÁFICA CONTÍNUA DO BRASIL AO MILIONÉSIMO - BCIM

Visando atender as demandas sobre o significado dos termos genéricos registrados no mapeamento sistemático do Brasil e suas particularidades regionais, bem como auxiliar na padronização da coleta dos nomes geográficos, o IBGE apresenta, nesta segunda edição, correspondente à escala 1:1 000 000, os termos e conceitos presentes na Base Cartográfica Contínua do Brasil ao Milionésimo - BCIM (versão 2018), totalizando 187 verbetes. Os volumes subsequentes contemplarão os termos utilizados nas demais escalas desse mapeamento – 1:250 000, 1:100 000, 1:50 000 e 1:25 000.

A publicação reúne os termos genéricos existentes apenas no Território Nacional, sendo complementada com um apêndice no qual são registrados os termos relativos à classificação para localidades utilizada pelo IBGE mas que não se constituem como termos genéricos.

O conjunto dessas informações também está disponível no portal do IBGE na Internet.

